

Nize Izabel de Moraes: memórias de uma historiadora

“senega-brasileira”

Maria Aparecida de Oliveira Lopes (UFSB)

Juliana Barreto Farias (UNILAB)

Resumo

Nesta comunicação apresentaremos os primeiros resultados de uma pesquisa sobre a trajetória de Nize Izabel de Moraes, historiadora paulista, que viveu em Dakar (Senegal) entre os anos de 1960 e 2015, e trabalhou como pesquisadora do *Institut Fondamental d’Afrique Noir* (IFAN), na atual Université Cheikh Anta Diop. Explorando seu arquivo privado e outros registros entre Brasil e Senegal, nosso objetivo nesta pesquisa é analisar sua trajetória acadêmica, bem como o impacto de sua produção para a historiografia da Senegâmbia, área em que se destacou como pesquisadora pioneira. Nesta perspectiva, a narrativa sobre a biografia de Nize Moraes nos permite pontuar os silêncios referentes a sua trajetória e, ao mesmo tempo, redimensionar e afirmar sua experiência como “intelectual negra”, marcada por redes nacionais e internacionais de diálogos e pelos marcadores de gênero e racialização.

Introdução

Dialogando com as proposições da mesa da Anpocs, que tem como tema “Entre o silêncio e o silenciamento, a ação: intelectuais negras e suas experiências”, concordamos que a bibliografia sobre a população negra em outras margens do Atlântico é ampla, bem como reconhecemos que o debate sobre esses estudos adota a *raça* como um aspecto concreto e exteriorizado em diversos traços ou sinais marcadores da diferença. Adotamos para esta comunicação, então, o sentido duplo das idéias de silêncio, esquecimento e ausência frente aos debates recentes que têm se dedicado a redimensionar a experiência intelectual negra no Brasil e na diáspora, mostrando tanto as dimensões não ditas, íntimas, dos processos de racialização; o caráter estratégico do silêncio dos acadêmicos quanto à

solidariedade e à importância teórica de intelectuais negros nacionais e transnacionais, visando repensar a invisibilização histórica/epistêmica e as possibilidades de agência.

No Brasil como nos Estados Unidos, os estudiosos, ao escreverem sobre a vida intelectual negra, privilegiam as vidas e obras de homens negros. hooks, no artigo “Intelectuais negras”, explica que Harold Cruse, em *Crisis of the negro intellectual*, não concedeu nenhuma atenção às obras das intelectuais negras. Cornel West escreveu *O Dilema do Intelectual Negro*, em contexto histórico marcado pelo enfoque feminista, e não reconheceu o modo como as ideias sexistas de papéis masculinos/femininos informam o senso do que pode ser o intelectual negro e sua relação com o mundo das ideias. Nos Estados Unidos, apesar do testemunho histórico de que as negras sempre desempenharam um papel importante como professoras, pensadoras críticas e teóricas culturais da história de vida da população afro-americana, pouco se escreveu sobre as intelectuais negras. “Quando a maioria dos negros pensa em grandes mentes quase sempre invoca imagens masculinas” (hooks, 1996, p. 466)

Na lista de escritoras negras brasileiras, podemos ressaltar, como autobiografia, as obras da escritora mineira Carolina Maria de Jesus que publicou os livros *Quarto de Despejo*, *Casa de Alvenaria* e o *Diário de Bitita*. Carolina frequentou por dois anos os bancos escolares, foi autodidata e tinha um olhar crítico para as condições políticas e raciais do seu universo. Aqui, pesquisas referentes às acadêmicas negras têm como marco histórico 1970, enquanto nos Estados Unidos há uma ampla bibliografia que trata da produção intelectual de mulheres negras dentro e fora da academia¹.

No Brasil as intelectuais negras, não reconhecidas ou “famosas”, são invisibilizadas e essa invisibilidade desencadeia-se em função do racismo, do sexismo e da exploração de classe institucionalizados. Ao mesmo tempo a invisibilidade é um reflexo da realidade que demonstra que um grande número de mulheres negras, por ausência de oportunidades educacionais, não escolhe o trabalho intelectual como vocação.

Quando pensamos em mercado de trabalho, notamos que um expressivo número de mulheres negras trabalha como empregada doméstica. A “aceitação” deste lugar, de certa forma, impediu que as mulheres negras se tornassem intelectuais. Por outro lado, “o

¹ Podemos destacar as pesquisas referentes às pensadoras críticas e teóricas da vida negra que começam a despontar a partir das obras de Lélia Gonzalez, como “Mulher negra”(1981) e “Por um pensamento afrolatinoamericano” (1988); Neusa Santos Sousa, “Tornar-se Negro (1983)”; Sueli Aparecida Carneiro, “A construção do outro como não ser como fundamento do ser”(2005)

trabalho intelectual mesmo quando é julgado como socialmente relevante não é visto como trabalho abnegado”; sendo mesmo considerado, pelos estereótipos culturais, como algo praticado por pessoas egocentricamente preocupadas com as suas próprias idéias. Na infância, muitas meninas aprendem que as atividades domésticas estão acima dos prazeres de ler e pensar. Como assinala hooks, “a socialização sexista inicial ensina que, para as negras, o trabalho mental tem de ser sempre secundário aos afazeres domésticos, ao cuidado dos filhos ou a um monte de outras atividades servis” (hooks, 1996, p.467).

A primeira vez que ouvimos falar de Nize Izabel de Moraes (NIM) confraternizávamos na casa do historiador senegalês Boubacar Barry², no início do ano de 2019. Quando ele nos contou da existência de uma brasileira, pesquisadora, que viveu em Dakar, logo indagamos se ela era negra. Poucos dias depois, tivemos “contato” novamente com Nize, dessa vez na casa da ex-embaixatriz senegalesa Madeleine Senghor, no bairro de Almadies. Nesta visita colhíamos informações sobre a genealogia de Madeleine Senghor, registrando, sobretudo, dados referentes às *signares* para a pesquisa da professora Juliana Barreto Farias. Madeleine nos apresentou sua coleção de arte senegalesa contemporânea, bem como fez a reconstrução genealógica de sua família mestiça e, por fim, nos mostrou recortes de jornais que lembravam o período de Simon Senghor, seu marido, já falecido, quando trabalhou na embaixada senegalesa no Brasil, na década de 1970. Ao comentarmos sobre nossas pesquisas nos arquivos e instituições de Dakar, ela também recordou: “como a Nize, pesquisadora brasileira que viveu aqui no Senegal”. Naquele dia, vimos parte da tese da nossa biografada, intitulada *À la decouvert*

² Boubacar Barry é um professor de História Moderna e Contemporânea da Universidade Cheikh Anta Diop (UCAD). Ele finalizou o doutorado pela UCAD (1990), em História Africana. Em 1971, obteve seu mestrado com a dissertação *Le Royaume du Waalo*. Fez graduação em História pela UCAD em 1968, bem como um Bacharelado em Filosofia na Guiné Conacry (1963). Entre as publicações de Barry, encontram-se as obras: *Senegambia and the Atlantic Slave Trade*. Cambridge- University Press, 1998; *Commerce et Commerçants en Afrique de l’Ouest – Le Sénégal avant la Conquête*. Sous la direction de Boubacar BARRY and Leonhard HARDING. Paris: L’Harmattan, 1992; Bocar Biro, Almami Mawdo Sakkitoro Fuuta Djalón » (Trans. Alpha Mamadou Diallo) Goomu Winudiayankoobe. NDakaaru, 1990; *La Sénégambie du Xve au YIXe siècle.Traite Négrière, Islam et Conquête Coloniale*. Paris: L’Harmattan, 1988; *Le Royaume du Waalo, Le Sénégal avant la Conquête*. Nouvelle Edition revue et augmentée. Paris: Karthala. Paris 1985; *Bocar Biro, le Dernier Grand Almamy du Futa Djalón*. Dakar: NEA, 1984. Seconde Edition.

de la Petite Côte au XVII Siècle (Senegal et Gambie). E foi então que concluímos que “tínhamos” que começar a investigar sua trajetória.

Nize Izabel de Moraes nasceu na cidade de Bauru, em São Paulo, no dia dois de fevereiro de 1938, dia de Iemanjá. Segundo os amigos brasileiros, que ainda vivem no Senegal, ela teria chegado em Dakar para o Festival Mundial de Artes Negras, em 1967. No Brasil, ela estudou no colégio Caetano de Campos, em São Paulo, situado na Praça da República. Em livro escrito sobre a história do Caetano de Campos, de Maria Candida Delgado Reis, um ex-aluno, Eduardo Oliveira, lembra-se da sua colega de classe Nize Moraes:

[...] As lembranças daquela época me acompanham até hoje, passados mais de quarenta anos. Os meus colegas, de ambos os sexos, em sua maioria eram oriundos de uma **classe média emergente**: gente simples e generosa, cheia da loquacidade e talento próprios aos que **alimentam um forte desejo de vencer na vida**. Lembro-me, por exemplo, de Modesto Carvalhosa, então Presidente do Grêmio. Em sua gestão, promoviam-se diversos eventos culturais como o que proporcionou um recital de poesias com o poeta paulista Guilherme de Almeida – Príncipe dos Poetas Brasileiros e, neste seu principado, herdeiro de Alberto Oliveira, Olavo Bilac e Olegário Mariano. Foi meu primeiro encontro com o autor de *Nós*, muito festejado por ser a bordo da “Revolução Constitucionalista de 32”. Sua poesia – dita por ele com voz de timbre gutural, quase em surdina – causou-nos grande emoção. **Lembro-me ainda de Nize Izabel de Moraes, negra briosa que, por sua versatilidade e conhecimentos, acabou indo para o Senegal lecionar francês, depois de formada por Sorbonne.** (...) Lembro-me também do saudoso e popular cantor negro, um dos expoentes da Música Popular Brasileira, Erlon Chaves [o grifo é nosso]³.

Podemos considerar que Nize, filha de uma empregada doméstica, fazia parte da classe média paulistana por estudar no colégio Caetano de Campos? Não, mas acreditamos que a cidade de São Paulo lhe ofereceu uma formação em instituições de ensino qualificadas e que Nize acalentou o projeto e o sonho de “vencer na vida”. Mesmo após a conquista do título de Doutora em História por uma universidade francesa, suas escritas revelam que ela viveu com dificuldade financeira. Em um dos diários, ela satiriza, em tom de reclamação, as aulas iniciais de francês que cursou na Universidade de Dakar (UD) por se sentir aprendendo o ABC. E ainda no período do mestrado reclamou que era integrada no grupo dos estudantes anglófonos da UD. Quando chegou a Dakar, provavelmente, conversava mais em inglês do que em francês. Ela comemorava, em forma de escrita, sua ascensão na comunicação em francês em Dakar.

Para o colega de escola Eduardo Oliveira, o fato de Nize saber francês era tão relevante que, de fato, ele achou que ela se transformaria em professora de francês.

³ O site foi criado para publicação das memórias da Escola Caetano de Campos, entre os anos de 1957 e 1968, incluindo fotos; textos; trechos do livro; contactos; reações e troca de idéias entre os ex alunos. <https://ieccmemorias.wordpress.com/2011/08/15/poesia-e-trabalho-lembrancas-de-um-aluno-negro/> Acessado em 7 de novembro de 2020.

Destacamos ainda que, em suas memórias, Nize Moraes estava no mesmo patamar que Guilherme de Almeida, um poeta referenciado na cultura paulistana. De certa forma, é com este mesmo olhar saudosista, e de admiração, de Eduardo que começamos a ler o material deixado pela nossa historiadora em destaque. Na atualidade, o nome de Nize Moraes praticamente inexistente para a historiografia brasileira sobre a África. Moraes não é conhecida nos estudos referentes à Senegâmbia. Nos diríamos, então, que ela é quase desconhecida pelos africanistas brasileiros. Sabemos que o historiador Thiago Henrique Mota, em sua tese de doutorado “História atlântica da islamização na África Ocidental Senegâmbia, séculos XVI e XVII”⁴, dialogou com a tese de Moraes, sobretudo com as diversas fontes catalogadas em seu livro.

Ana Paula Cavalcante Simione e Maria de Lourdes Eleutério, no dossiê “Mulheres, arquivos e memórias”, publicado na *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* (IEB), nos ensina que, nas sociedades marcadas pelas divisões entre as atividades masculinas e femininas, o grande “teatro da memória” tornou-se um privilégio dos homens. As mulheres foram relegadas, então, ao papel de coadjuvantes, transformando-se em “leves sombras”. Em outras palavras, a experiência feminina esteve distante do que a tradição historiográfica considerou como digno de ser narrado (Simione e Eleutério: 2018, p. 3). As reflexões teóricas de bell hooks também respondem essas questões em torno das hierarquias para pensarmos nas relações entre arquivos e a história intelectual negra nas Américas.

Diversos autores discutiram o quanto os arquivos são frutos de seleções, ordenamentos e inscrições institucionais que resultam em escolhas. E essas escolhas determinam o que pode ou não ser dito, o que merece ou não ser lembrado e quem tem direito ou não de ter sua memória preservada. Os arquivos não são receptáculos neutros, são produtos e produtores de hierarquizações sociais e materializam as escolhas sobre o que se deve ser preservado, celebrado e monumentalizado. Eles são resultados de um longo processo de exclusões levado de maneira silenciosa, imperceptível e naturalizada. As pesquisas realizadas em torno dos arquivos partem daquilo que consta nos arquivos e raramente falam sobre suas ausências, os nomes que não foram retidos, os grupos sociais não representados. (Simione e Eleutério: 2018, p. 3)

O silêncio sobre a trajetória e o arquivo de Nize Moraes cruza o Atlântico. Como Michele Perrot também assinala, a ausência feminina nos arquivos é resultado de uma

⁴ Tese de Doutorado defendida no Programa de Pós-Graduação em História da UFMG, em 2018.

perspectiva sobre a narrativa histórica dominante, que seleciona certas esferas da vida social vistas como importantes, dentre elas a política, a religião, as guerras etc. (PERROT, 2005). Em suas palavras, “reis e príncipes; profetas, missionários, padres; guerreiros e colonizadores foram erguidos como protagonistas de narrativas monopolizadas por sujeitos masculinos”. Cristalizou-se a crença de que os homens ocuparam-se dos grandes feitos e das grandes obras, enquanto as mulheres ficaram reduzidas à reprodução da ordem, ou seja, aos cuidados da casa e dos filhos, ou ainda da colheita e trabalho fabril, enfim, das tarefas desvalorizadas socialmente (Simione e Eleutério: 2018, p. 3)

Por conseguinte, polemizamos com a idéia da casa como espaço simplesmente doméstico. No que se constituía a casa, para a pesquisadora Nize Izabel de Moraes, quando não estava trabalhando nas bibliotecas, nas universidades e instituições? O que poderíamos dizer dos estudos centralizados nos arquivos femininos que tratam das histórias de vida das mulheres negras? Com qual intenção NIM construiu seu arquivo? Inicialmente argumentamos que os papéis e a escrita faziam parte do cotidiano e do seu ofício. Por outro lado, podemos dizer que Nize de Moraes trabalhou dentro de um arquivo público e que, portanto, tinha consciência das discussões sobre as políticas de preservação da memória e poderia estar atenta para o modo como as mulheres são representadas em arquivos nacionais e internacionais, daí a necessidade de deixar pistas de como gostaria de ser representada na história. Lançamos esta questão em forma de hipótese. Acalentamos a idéia de sua consciência referente às possibilidades de escrita das histórias das mulheres negras a partir das memórias públicas, materializadas e oficializadas nos currículos escolares e acadêmicos, nos monumentos, diários e espacialidades.

Quando iniciamos as investigações sobre a trajetória de Nize Izabel de Moraes, não sabíamos se existia um acervo específico sobre suas obras ou mesmo sobre sua vida dos dois lados do Atlântico. Em contatos com antigos funcionários da Embaixada Brasileira em Dakar, chegamos até Rosimar Almeida. Brasileira nascida no Rio de Janeiro, ela vive no Senegal desde o fim dos anos 80 e cuidou da nossa biografada nos últimos anos de vida, até falecer em 2015. Médica, Rosimar tratou do seu corpo adoentado, do velório e enterro católicos, bem como dos seus pertences. Mas decidi depositar uma parte significativa dos documentos e registros de Nize na UCAD, instituição em que ela trabalhou como pesquisadora assistente no IFAN-Instituto Fundamental da África Negra, até se aposentar. Outra parte do acervo ficou, e ainda permanece, na casa de Rosimar. Este arquivo é composto por inúmeras fotografias, livros resultantes da pesquisa de mestrado e doutorado, diários, cartas, escritos esparsos,

anotações de pesquisa. Sabemos que há obras de arte na casa de Nina Gonçalves Silva, também brasileira e amiga de Nize. As duas se conheceram na Embaixada do Brasil em Dakar, onde até hoje Nina trabalha na parte administrativa⁵.

A biblioteca de NIM foi enviada para a UCAD, com cerca de 518 exemplares de livros referentes a história, literatura, cultura, etc. Um documento assinado pela própria Biblioteca Central da UCAD informa que Nize Isabel de Mores doou seus livros à universidade. Tudo indica que ela não teve tempo de organizar os documentos no arquivo público ou desejou apenas depositar sua biblioteca no IFAN. Já no acervo do IFAN-UCAD, encontramos cartas escritas para amigos, amores e parentes em São Paulo e em outros cantos do mundo. Também há documentos soltos referentes à escrita da tese em francês, inglês e português, artigos, rascunhos de artigos, capítulos de livros, cópias de referências bibliográficas, atas das reuniões do IFAN, esquemas de palestras, esquemas de aulas de história do Brasil, diários, documentos pessoais, fotos, receitas de comidas senegalesas, certificações de cursos e estágios, correspondências entre o IFAN, entre outros registros, dispostos em caixas e pastas, sem classificação, catalogação ou qualquer outro tipo de identificação arquivística.

Aqui recordamos a instigante tese de Alexandre Araújo Bispo, “Os percursos da memória e da integração social: o arquivo pessoal de Nery e Alice Resende, mulheres negras em São Paulo (1948-1967)”, defendida em 2019 na USP. Bispo ilumina as biografias de Nery (1930-2012) e Alice Resende, analisando o tema da integração do negro no Brasil como expressão potente, e também examinando antropologicamente os materiais acumulados no arquivo pessoal de Nery Resende, que deixou um acervo documental de 18 mil itens, entre impressos, imagens fotográficas e objetos tridimensionais acerca de si mesma, de sua família, de seus amigos, de suas relações de trabalho e lazer. A tese sugere que, para além de documentar uma experiência social impressa, o arquivo de Nery Resende projeta um desejo de integrar a história na memória da própria cidade que a acolheu desde 1942. (Bispo, 2018: p. 13)

O estudo sobre a trajetória de vida de Nize nos possibilita compreender os diferentes agenciamentos de uma mulher negra que busca ascensão social, suas redes de sociabilidade e sua inserção no campo da historiografia sobre a Senegâmbia. Nesta direção, analisaremos as obras de Nize, cotejando uma bibliografia que nos situe no

⁵ Em fevereiro de 2020, realizamos entrevistas, registradas em áudio e audiovisual, com Nina Gonçalves e Rosimar Almeida na casa de Rosimar em Dakar.

contexto de sua produção e da historiografia africanista. Uma questão central da pesquisa é compreender então qual o peso das pesquisas de NIM para a historiografia da Senegâmbia. A partir da análise, compreendemos como a história desta mulher negra pode iluminar reflexões sobre as relações de gênero e educação, em perspectiva Atlântica, durante a segunda metade do século XX. A escrita de e sobre Nize nos permite traduzir uma trama social e familiar caracterizada por contradições, ambigüidades e inconsistências.

Outra questão importante para nossa análise são os estudos que destacaram a agência de mulheres negras no campo intelectual e os processos de reconhecimento de suas produções no Brasil e no Senegal, pensando como se operam o apagamento e a rememoração das trajetórias das mulheres negras na academia e na sociedade. Estudar a trajetória de Nize nos leva a analisar como são construídas as trajetórias de mulheres e homens negros na academia. Esta pesquisa pretende, então, dialogar com trabalhos das ciências sociais, mas também do campo histórico, versados na composição de trajetórias, histórias de vida, autobiografias, biografias de mulheres negras⁶. Concordamos que o campo da história intelectual é desafiador, pelas fontes de difícil acesso, pela invisibilidade histórica e alta taxa de analfabetismo experimentada pela população negra ou por uma concepção inadequada e excludente do que seria a produção intelectual.

“Filha de umbanda tomba, mas não cai”

Na nossa primeira entrevista com Rosimar Almeida, amiga brasileira de NIM no Senegal, realizada em fevereiro de 2020, ela enfatizou que Nize foi muito dedicada à pesquisa e ao trabalho e colocava em segundo plano as preocupações com a família. A primeira leitura das cartas e dos diários mostra uma relação tensa entre mãe e filha, nos fazendo acreditar que Nize foi uma filha com “problemas maternos”. Uma análise mais atenta de sua correspondência, e também de algumas anotações que fazia em papéis avulsos, revela que se preocupava intensamente com a mãe, inclusive financeiramente,

⁶ Janaina Damaceno Gomes nos alerta para o diálogo com a perspectiva da teoria feminista norte-americana. Citando Jane Flax, ela entende que é “preciso recuperar e escrever as histórias de mulheres bem como os relatos e narrativas que as culturas contam sobre elas mesmas”. Nesta abordagem de pesquisa reconhecemos a importância em explorar aspectos de relações suprimidos ou negados dentro da perspectiva histórica dominante. Assim autoras como Patrícia Hill Collins, Angela Davis, Kimberly Crewshhall, bell hooks, tornaram-se referências no Brasil e tomaram por objeto o *black intellectual history* (Gomes, 2013, p. 19)

daí mostrar-se apreensiva com a forma como o seu dinheiro chegava a ela. Parece que NIM doava parte do salário de professora para a mãe, quando passou a viver no Senegal. As cartas revelam que elas trocavam favores, Nize, por exemplo, pedia a colaboração de dona Corina para comprar roupas em São Paulo. Elas mantinham negócios em comum, como a venda e compra de casas e terrenos, destacados em uma longa carta transcrita a seguir:

Querida madrinha Glória

Recebi com alegria sua amável carta, assim como as demais de 28/07/1975. **Estou graças a Deus em perfeita saúde.** Quanto a paz ela começa a vir pouco a pouco... e ela vira graças ao nosso pai Oxala! Aqui ao contrário de São Paulo, está fazendo um calor terrível. Uma grande parte das repartições trabalham só o meio dia, pois o clima é duro de aguentar. É a época da chuva e ela não vem, e o calor continua a aumentar. Continuo esperando sua visita como a de Ester. **Quanto as minhas amigas, elas continuam a se mexer, principalmente a tal brasileira escultora?** ela é mentirosa, invejosa e maldosa... e o pior é que todos acreditam nela... E sem duvida minha maior inimiga. Perdi várias amizades por causa dela. As pessoas fogem de mim como o diabo foge da cruz. Que atrapalhada, não é madrinha Gloria. Quanto ao presidente da República, parece que está voltando a se interessar pela minha pessoa; sim é verdade, meus irmãos de seara “filho de umbanda tomba mas não cai”. Deus lhes pague a todos. Madrinha Gloria **até quando vou ficar sozinha, sem um negão do meu lado,** pois estou começando a ficar impaciente, enfim devo esperar não é... Que pé de mesa (como diz o Walter Bruno) mais complicado!!! **Estou rodeada de homens, mais nenhum me propõe coisa alguma, nem ameaças!!!** Enfim, esta é a vida. Obrigada, Ester, Amauri, Udair, Walter, Marista, e Gaby, pelas linhas traçadas, adorei todos. Agradecida Dr Faquer pelas lembranças, e pelos abraços da Vera, Jair, etc os quais eu retribuo

Madrinha Glória, soube de certas coisas, pelo Haroldo, que se encontra aqui no Senegal, referentes ao meu salário e a maneira de pagamento feito a minha mãe. Não gostei nada... Creio está sendo enganada ou roubada pelo meu procurador, Raul Nunes Quaresma, com escritório na rua São Bento, 82-5^A andar s/ 509

Gostaria que fosse possível como disse Dr Haroldo, de arrumar um outro procurador. Por favor, converse a esse respeito com o Dr Flaquer, ou Dr Haroldo e minha mãe. A coitada continua trabalhando... isso me faz mal, pois sei que ela está cansada...O Dr Haroldo prometeu me ajudar, junto as autoridades, afim de que eu consiga um aumento de salario, **mudando de Letra no Magistério.**

Madrinha Glória, por favor, peça ao Dr Flaquer, para investigar sobre os dois terrenos que comprei em Santos em 1960 ou 1962, não me lembro bem... na ilha Bella, Jardim Maraia, Jardim Maraya, ou Marayama etc. Gostaria que ele tivesse em mãos a assinatura do terreno. Será que eles existem? Será que Quaresma nos enganou? Sei que isto levaria tempo, mas queria ter tanto a certeza, que meu dinheiro, ganho com tanto sacrificio tenho sido valido para algumas coisas... Diga a Mama, por favor Madrinha Gloria de dar todos os papeis correspondentes ao pagamento ou escritura ao Dr Faquer, ou ao Dr Haroldo. Outra coisa, ano passado quando estive ai, eu lhe entreguei a quantia de 23.692 cruzeiros, ao dito Quaresma, eu já tinha, segundo ele 21.728, 52 mil cruzeiros novos no Banco do Estado de São Paulo S.A, não sei o numero de minha conta, gostaria de saber. Só sei que o total deu CR 45.421, 12 cruzeiros novos, os quais deixei para a entrada de uma casa ou de um apartamento. Disse ao mesmo tempo que ele poderia vender um dos terrenos de Santos, afim de completar a entrada da casa (os benditos terrenos, se eles existem, um é de esquina e o outro é pegado) este ultimo pertencia a Dona Corina, e dei ordem para vende lo. O outro deverá ficar, não sei se está a venda entendeu?

Sei que o número da conta do Sr Raul Nunes Quaresma é (...) Madrinha Glória, manda me notícias assim que for possível, sim? Daqui vai uma senegalesa Madame Fall que está de partida para o Brasil e ira visita la em companhia do Dr Haroldo. Ela é uma excelente pessoa. Eu frequento muito sua casa. Vou tentar mandar as pulseiras por seu intermédio. Assim sendo ela poderá me mandar notícias de volta ao Senegal. Madrinha Glória diga a mama Corina, de fazer um cuscus daquele para a Madame Fall, e de mandar a receita, assim como do bolo de Fuba que acabei perdendo. Mamãe Corina estou bem. **Quanto aos sapatos, pretos ou marrons da no mesmo: n. 38 e aberto pois aqui faz muito calor (salto bem alto, pois já sou pequena de natureza). Diga a mamãe**

de comprar do Sr Haroldo (D. Dalva) um conjunto de verão calça e casaquinho, pois aqui é muito caro. Blusas também maneiquim 44. Madrinha insista com o Dr Haroldo, pois ela tem coisas maravilhosas. Mamãe eu estou bem graças a Deus, só que tenho trabalhado muito. Gostaria de te-la ao meu lado aqui em Dakar!!! Venha passar alguns dias comigo tá. Beijos e abraços mamãe, até a próxima. Abenção Pai Manezinho, e que Deus aumente sua luz! Abenção aos nossos orixás. Salve Mangueira, Salve!, Salve Alexandria. Abraços e beijos a todos sem distinção de credo, cor, raça, altura, gordura, estado civil, etc. Até a próxima meus irmãos de fé e que Oxalá esteja com todos, assim como comigo. Da amiga certa que os ama. Nize Isabel, a senega-brasileira (NIM, 7/08/1975, Dakar) [os grifos são nossos].

Um ponto comum das narrativas nos diários femininos gira em torno da estética, da vestimenta e dos acessórios. A estética, os cuidados com o corpo e a boa apresentação colaboram no processo de conquista da ascensão social e do bem estar. Nize também dedicou algumas páginas do seu diário para as preocupações com corpo e vestimenta. Além da questão da saúde, há passagens descrevendo as vestimentas e os costumes senegaleses. Nas cartas encontramos informações da relação com a mãe, marcada pelo amor e por muitos conflitos, talvez porque ela se sentisse sobrecarregada com esta missão de cuidar da sua trajetória profissional e ser arrimo de família. Em outras palavras, só é possível matar um leão por dia quando ele existe. Em 1977, Virgílio Roberto, um amigo de Corina, solicitou informações à Embaixada brasileira, em Dakar, sobre Nize:

Sou amigo, de há muito, de **Dona Corina senhora de cor cuja filha é professora de História**. A referida senhora encontra-se em uma situação difícil e muito preocupada com o paradeiro de sua filha Nize Izabel de Moraes que, provavelmente, se encontra novamente neste país ligada as atividades do Magistério. Nenhum comunicado tem chegado até aqui, em São Paulo, Brasil, muito pelo qual tomei a liberdade de escrever-lhe a fim de que se ajudasse a resolver esta aflitiva situação de Dona Corina. Na certeza de que esta missiva recebera a melhor das atenções por parte da sua pessoa, antecipo os meus mais significativos agradecimentos (Virgílio Roberto Wey, funcionário do Banco do Brasil-SA, Metro Tatuapé, Avenida Celso Garcia, 3. 580, São Paulo, Brasil, 1977) (o grifo é nosso)

Esta ausência de contato de Nize com a mãe poderia ser decorrente das correrias frente às demandas da pesquisa, bem como por mágoas geradas por desentendimentos na forma de lidar com os papéis de mãe e filha, entretanto, Nize cuidou do bem-estar da mãe. Apenas três anos após tornar-se Doutora, em 1977, Corina faleceu. Ela a visitava de vez em quando no Brasil e os retornos tornaram-se raros após a morte da mãe. Com o falecimento de Corina, ela “perdeu” os vínculos com o Brasil.

NIM era filha de Orphélio de Paula Moraes (com quem não tinha contato) e atestou, no certificado de nacionalidade senegalesa, conquistado em 2001, que era filha de Corina e Ignacia Barbosa (avó materna). Nesta etapa da pesquisa ainda não conseguimos identificar e contatar a rede de parentes e amigos brasileiros

mencionados nas cartas de Nize. Sabemos, contudo, que quando começou a apresentar problemas de saúde, foi orientada a se repatriar. Assim ela embarcou com Sémou Diouf, marido de sua amiga Rosimar, para São Paulo em 2011. Sémou, arquiteto senegalês, conheceu NIM na Embaixada Brasileira de Dakar, no período em que pleiteava uma vaga como estudante universitário no Brasil. A própria Nize colaborou na escolha da Universidade Federal do Espírito Santo para a formação do nosso depoente. Quando os dois viajaram novamente até o Brasil, para tentar localizar os parentes de Nize, ela encontrou a casa da família onde Dona Corina prestou serviços domésticos, em São Paulo. Nesse momento, segundo a narrativa de Sémou, ele permaneceu no Rio de Janeiro. NIM era filha única. Como argumentou Semou, essa família dos ex-patrões de Dona Corina não aceitou cuidar de Nize, alegaram que não tinham laços afetivos com ela. A ausência de informações sobre a família da nossa historiadora traduz aquilo que Rosimar Almeida nos disse na primeira entrevista: Nize era muito ligada à pesquisa e ao trabalho. Ela, a própria Nize, também reclamava bastante da solidão na vida.

No início dos anos 60, NIM cursou História na Universidade de São Paulo e ocupou o cargo de professora de História da rede municipal de ensino, como é possível visualizar nas cartas em que ela expressava suas preocupações em manter seu cargo de docente em São Paulo, enquanto dava início a sua trajetória de vida no Senegal. Entre os documentos de Nize, conservados em pastas e caixas no IFAN, encontramos uma cópia do seu *Curriculum Vitae*, que atesta formação educacional e universitária e vale transcrever, em detalhes:

Secondaire: Instituto de Educação Caetano de Campos-São Paulo (1950-1954)
Brésil: Ecole Normale Supérieure-São Paulo (1955-1958)
Baccalauréat-Philosophie
Institutrice

Etudes Supérieures:
Centro de Estudos e Cultura africana “Université de São Paulo”-USP 1960
Bacharel en Histoire Générale et du Brésil- 1959-1963
Brésil- Licenciée en Histoire- 1964 – Université de São Paulo

Emploie (Brésil): -Institutrice- 1955-1965 en São Paulo
-Professeur d’histoire dans l’enseignement secondaire à São Paulo- 1966 a 1967

Etudes a l’Extérieures:
Afrique-Senegal- Certificat C 2 d’histoire de l’Afrique à l’Université de Dakar, 1969
-Maîtrise de Histoire de l’Afrique (préparée à Dakar): titre “La Petite Côte d’après le Capitão Francisco de Lemos Coelho (ca.1669)”passée au Centre de Recherche Africaine-Universitité de Paris-I. Sorbonne 1972
-Doctorat de 3e. cycle (prepare à Dakar)- titre: Contribution à l’Histoire de la Petite Côte (Senegal) au XVI è siècle-1600-1677. Soutenance de thèse en 1977 à Université de Paris-Sorbonne

África-Senegal: Soutenance de thèse en 1977 à L'Université de Paris-I 1977 sous la direction des profs Y Person, R. Mauny, J. Davisse. Centre de Recherche Africaine

-A L'IFAN (Institut Fondamental de l'Afrique Noire-actuel/CH. Anta Diop; 1972-1976.

- A L'IFAN/CH. Anta Diop, en 1977 à 1987

Afin de faire de la recherche historiques (documents portugais concernant la Petite Côte-Senegal-Gambia au XVII è siècle)

-Recherche pré-historique sur les Sambaquis brésiliens (projets de travail)

-Portugais (langue maternelle), Français, Anglais, Espagnol

References:

1-Prof Souleymane Niang-Recteur de l'Université CH Anta Diop de Dakar

2-Ministre André Sonko- Ministre de l'Education National

3-Abdoulaye Bara Diop-Directeur de l'Ifan-UCAD

4-Raymond Mauny-Prof de histoire-Sorbonne-Paris I

5-Fatou Sow-Diagne Chef du Dep. Sciences Sociales à l'IFAN-UCAD

6-Massamba Ngoye Lane-Chercheur à L'Ifan/UCAD- Directeur du Musée de l'Ifan. Place Soweto

7-Ministre Djbo Ka-Ministre du Musée de l'Exterieur

Outres reinseignements:

Vu ma especialité en Histoire de l'África, J'aime participer de préférence à des projets de promotion interessante le continent africain, pour pouvoir ainsi me consacrer aux problèmes d'éducation posés dans le Tière-Monde

Dakar, 5 de mars 1987

et 23 juillet 1993

N.I. Moraes

Os dados do *Curriculum Vitae* indicam que Nize foi professora da educação básica em São Paulo, entre 1955 e 1967, e trabalhou como professora de história do ensino secundário de 1966 a 1967. Diante dessas informações, podemos inferir, então, que em 1967 Nize deixou de receber salário como professora do governo de São Paulo? Quando interrompeu suas aulas regulares? Em outro documento, anotou que foi professora de 1955 a 1978. Tudo indica que ela permaneceu, por um longo tempo, tentando não perder o cargo e, em algum momento, diz que como professora concursada só poderia tirar licença de estudo por 4 anos. Uma correspondência entre Nize e a Secretaria da Educação nos permite conhecer sua escola de atuação, no Tatuapé, e pontua que ela reassumiu o cargo em 1977:

Declaro para fins de certidão negativa de debito do IAMSPE, que D. Nize Izabel de Moraes, RG 1271339, professor I, QM-PP-II ref. 18-C, lotada neste estabelecimento de Ensino, esteve afastada de suas funções docentes de 01/01/1976 a 18/11/1977, não **percebendo**, neste período, vencimentos, tendo reassumido o exercício do cargo em 18/11/1977. (Secretaria de Estado dos Negocio da Educação. Departamento Regional da Grande São Paulo, **Escola Estadual de Primeiro Grau Erasmo Braga**. Rua Maria Eugenia, 190-Tatuapé, Diretora de ensino Yolanda Verga)

Em uma procuração escrita em 1969, Nize tentou resolver sua vida financeira a distancia e, quando estava em São Paulo, morava no mesmo bairro onde trabalhava, na rua Tatuapé. No ano de 1977, ela reassumiu o cargo de professora da educação

secundaria, já com o título de Doutora em História. Um documento assinado pelo embaixador brasileiro no Senegal, João Cabral de Melo Neto, revela que, no ano seguinte, Nize enfrentou processos judiciais por afastamento do cargo de professora:

Encaminho em anexo, requerimento da Senhora Nize Izabel de Moraes, auxiliar administrativa dessa embaixada, mas funcionaria efetiva do governo do Estado de São Paulo, solicitando seja pedido Casa Civil daquele governo sua disponibilidade, sem vencimentos em favor do Itamaraty. **Esclarece que a senhora Nize Izabel de Moraes está sendo processada por abandono do cargo.** (João Cabral de Melo Neto, de Dakar para a Secretaria de Estado dos Negócios da Educação. Departamento Regional da Grande São Paulo, 14/12/1978)

Em 1978, Nize recebeu 1.960 (hum mil novecentos e sessenta dólares) ao ser contratada como auxiliar administrativa na Embaixada Brasileira, em Dakar, e então passou a ganhar 496 dólares de salário. Entre os documentos que atestam o afastamento de NIM como professora, encontramos uma correspondência da Universidade de Dakar enviada para a Embaixada Brasileira, em Dakar, e à Secretaria de Estado da Educação do Brasil, explicando que Nize Izabel de Moraes era estudante da Universidade de Dakar, preparava um mestrado em História e foi acordado que ela receberia uma bolsa, bem como deveria ser liberada para pesquisar de janeiro a 31 de dezembro de 1970. O documento foi assinado pelo reitor Paul Teyssier (francês) da universidade e pelo embaixador brasileiro no Senegal. Nesta época, ainda como legado da colonização, a Universidade de Dakar tinha um professor francês no posto central da administração universitária.

Um outro documento escrito pela reitoria da universidade, em 1981, evidencia que Nize foi promovida como assistente de pesquisa e não sabemos se foi promovida, automaticamente, ao receber o título de doutora em 1977. Desconhecemos informações referentes às alterações salariais decorrentes das promoções. Em outro registro Nize disse que recebia 60 mil francos do IFAN-Universidade de Dakar como bolsa de pesquisa, antes de se titular como mestre e doutora:

Tendo em conta o Decreto do Reitor nº 1323 de 1 de Novembro de 1975 sobre o estatuto provisório dos investigadores da Universidade de Dakar, em particular o artigo 13º sobre o progresso dos investigadores. Tendo em conta o Decreto do Reitor n.º 126, de 24 de Março de 1980, que promove ao segundo passo os assistentes da Sra. Nize Izabel de Moraes. Os Artigos e o Decreto Reitoral nº 325 de 24 de Março de 1980, acima referido, são alterados como se segue:
artigo único. Mello Nize Isabel de Moraes, Investigadora Associada do Departamento de História da IFAN, **é promovida ao 3º nível de Assistente de Investigação** a partir de Novembro de 1981. A partir da mesma data, a recorrente receberá a remuneração relativa ao seu nível de classificação - **3º escalão de assistentes** - índice 415. As despesas serão imputadas ao orçamento universitário: Capítulo VIII, artigo 2(1), parágrafo 1.º resto mantém-se inalterado. (Feito em Dakar, 22 de Janeiro de 1982, Seydou Madani Sy)

Além dessas atividades, Nize Moraes fazia parte da Associação dos funcionários públicos de São Paulo, da Associação de Historiadores do Senegal, da Associação de Pesquisadores do Senegal e era Membro do Clube da Imprensa de Dakar (participação em debates e publicações). Ela estabeleceu contato com a embaixada de Israel na tentativa de angariar uma bolsa de pesquisa com o tema “A influência dos núcleos judeus no Senegal do século XVII”. No processo de mapeamentos das suas pesquisas, descobrimos também que ela pesquisou sobre os Sambaquis no Brasil, como são chamadas as montanhas de conchas que formam uma espécie de “pirâmide” construída por habitantes pré-históricos, alguns deles foram encontrados nas imediações do Rio de Janeiro.

Em Dakar, apresentava um programa de rádio sobre música brasileira. Notamos que Virgínia Bicudo Leal, socióloga e psicanalista negra, também teve uma passagem pelo rádio na década de 1950 em São Paulo. Como se vê, o rádio era um meio importante para a expressão das pesquisadoras acadêmicas. De todo modo, no acervo da UCAD, encontramos um caderninho com anotações sistematizadas referentes à África destinadas às apresentações na emissora de rádio. A I.O.T.S (*Radiodiffusion Nationale*) atestou e remunerou, em forma de cachê, seu trabalho como *Speakrine* em língua portuguesa, sob a direção de Amadou N’Diaye e Anne Tounkara. Consideramos a atividade desenvolvida no rádio como uma forma de trabalho e também de inserção de Nize na sociedade de Dakar, onde enfrentava inúmeras dificuldades para viver, como é possível observar em suas reclamações endereçadas ao primeiro presidente, do Senegal independente, Leopoldo Sedar Sédhor, que considerava como uma espécie de benfeitor.

Gostaria de vos enviar esta segunda carta, depois daquela que tive a honra de vos enviar a 10 de Junho. Uma vez que **até agora não foi tomada qualquer medida em relação à minha situação**, nem no Senegal nem na Unesco, que ainda não concedeu a bolsa, as minhas dificuldades estão a agravar-se de dia para dia, estou confusa em confessar. Enquanto se aguarda uma decisão da Unesco, sinto-me obrigada, mais uma vez, a pedir a vossa grande benevolência, a assistência que me possa permitir viver e continuar o meu trabalho. Por favor aceite, Senhor, as garantias da minha maior consideração. (Moraes, outubro de 1971, Dakar) [o grifo é nosso].

Uma historiadora da Senegâmbia

Aos 21 anos, Nize Izabel ingressou no Bacharelado em História da Universidade de São Paulo (USP). Inaugurado em 1934, era o primeiro curso de graduação em História e Geografia (até 1956, as duas disciplinas permaneceriam juntas) criado numa instituição

universitária brasileira. Embora também preparasse seus alunos para a pesquisa acadêmica, sua meta principal era a formação de professores para atender a demanda dos ensinos “primário” e “secundário”. E isso ficou bem evidente a partir de 1946, quando um decreto determinou mudanças em sua grade curricular. Além da duração do curso passar de 3 para 4 anos, a formação didática tornou-se obrigatória para quem pretendia obter o diploma de licenciado.

De acordo com o historiador Diogo da Silva Roiz, autor do livro *Os caminhos (da escrita) da história e os descaminhos de seu ensino*, em que analisa a institucionalização do curso da USP entre os anos de 1934 e 1968, não havia, naqueles primeiros tempos, margem para uma iniciação à pesquisa propriamente dita. Ainda assim, iniciativas pioneiras eram estimuladas por meio de seminários e trabalhos práticos e teóricos, com objetivo de formar “senão um ‘ofício de historiador (e de geógrafo)’ a partir do curso de graduação, pelo menos a iniciativa de se produzir os primeiros profissionais na área” (ROIZ 2012, p. 76-77).

Nesse processo, Roiz também chama atenção para o corpo docente, composto por brasileiros e franceses, que acabaram por lançar as bases do ensino e da pesquisa histórica acadêmica no Brasil. Entre os pioneiros, destacavam-se, por exemplo, o francês Fernand Braudel, que ocupou a cadeira de *História das Civilizações* de 1935 e 1937, e, em 1948, atuou como professor visitante. Em 1938, seu compatriota Jean Gajé o substituiu na cadeira, onde permaneceu até 1946, e ainda orientou teses de doutoramento. Já *História da Civilização Brasileira* foi ocupada pelo historiador Sérgio Buarque de Holanda de 1956 até 1968, ano em que se aposentou em solidariedade aos professores de universidades do país perseguidos pela ditadura militar.

De outra parte, Diogo Roiz procurou mapear o perfil e a circulação dos discentes que, em muitos casos, tornaram-se professores do curso. Ao avaliar listas de matrículas e de formandos e esmiuçar algumas trajetórias, chegou a conclusões que evidenciam as relações (desiguais) entre gênero e educação. Se um antigo aluno quisesse, por exemplo, ascender na carreira docente, devia estabelecer alianças ao longo de sua graduação e ser “aceito” no grupo. Não obstante as mulheres predominassem numericamente entre os discentes, havia um evidente descompasso entre sua presença e a ascensão delas em nível universitário. Eram, sobretudo, os homens que, de aluno, tornavam-se professores. Como consequência, a escrita da História acadêmica realizava-se, como assinala Roiz, em “caracteres predominantes masculinos”.

Como observamos em seu currículo, Nize frequentou o curso de História da USP

entre os anos de 1959 e 1964, tendo concluído Bacharelado (1963) e Licenciatura (1964). Mesmo que não conste deste documento, o período em que estudou no Caetano de Campos certamente a preparou para lecionar na educação infantil, já que – em 1955, antes, portanto, de ingressar na universidade – já aparecia como professora da educação básica de São Paulo. E como a maior parte das colegas da USP, dois anos depois de se formar, também passou a trabalhar como docente de História no ensino secundário. Não temos, até o momento, informações mais detalhadas sobre projetos ou investigações que, porventura, se envolveu naqueles anos. Sabemos, porém, que – em 1960 – ela concluiu estudos superiores no Centro de Estudos e Cultura Africana da Universidade de São Paulo, conforme também anotou em seu currículo. Será que foi nesse momento que começou a interessar pelos estudos africanos?

Seja como for, apenas dois ou três anos após sua formatura na USP, ela já estava em Dakar. E talvez, durante a graduação, seus professores-pesquisadores tenham lhe instilado o “vício da pesquisa”, já que, mal aportou no continente africano, começou a realizar investigações em acervos senegaleses e também europeus. Algumas lembranças desses primeiros tempos de estudos e pesquisas estão numa carta que escreveu em 1992, quando tentava conseguir recursos para mais uma missão em Portugal. Ao rememorar seu percurso, dizia residir “há muito tempo no Senegal, tendo chegado aqui com uma bolsa de estudos”. E de fato, conforme anotou na capa de um de seus diários, intitulado “Meus dias em Dacar”, ali escreveu sobre seus tempos de “estudante na Universidade de Dacar – bolsa de cooperação entre França e Senegal nos 2 primeiros anos 67 a 68 – 68 a 69”.

Em 1969, quando contava, pelo menos, dois anos de estadia em Dakar, concluiu um curso de História da África na Universidade de Dakar. Nesse mesmo ano, realizou sua primeira viagem a Portugal, numa missão de pesquisa que durou 6 meses. Mas os resultados não atingiram o esperado. De acordo com seus registros naquela correspondência de 1992, “na altura, não pude ter acesso a vários documentos históricos, relativamente ao século XVII, pelas dificuldades colocadas pelo Comandante Avelino Teixeira da Mota”. Voltaremos a essa correspondência mais adiante.

Por ora, cabe ressaltar ainda que, mesmo vivendo em Dakar, ela se tornou aluna do Mestrado (Maitrise) em História na Faculdade de Letras e Ciências Humanas de Paris-Sorbonne, na França. Foi aí que iniciou suas investigações sobre a “Petite Côte”, espaço senegambiano que viraria seu objeto de pesquisa pelos 20 a 30 anos seguintes. Conforme Nize Isabel assinala na introdução do seu livro *À la découverte de la Petite Côte au XVIIIe siècle (Sénégal et Gambie)*, a costa do Senegal desenha um amplo ângulo aberto. Do lado

de um litoral, às vezes chamado de “Grande Costa”, estende-se a foz do rio Senegal até a península de Cabo Verde. Já uma segunda, a “Petite Côte”, ia da península até a embocadura da Gâmbia. Embora nascessem num mesmo rio e chegassem a se unir na aglomeração que mais tarde se tornaria Dakar, essas duas porções tinham muito mais diferenças do que semelhanças. A “Grande Costa”, área linear, sem estradas ou pontos de água, sujeita às ondas da barra, fazia parte de dois reinos: Cayor e Oualo. Já a “Petite Côte” possuía com a baía de Hann um “excelente local de ancoragem”, e quatro estados, Cayor, Baol, Sine e Saloum, terminavam ali.

Em 1444 os portugueses chegaram até Cabo Verde e, na sequência, à costa senegalesa. Só a partir de 1540 outros europeus aportaram ali e começaram a negociar. Do final do século do século XVI até as primeiras décadas do XVII, ingleses e, especialmente, os holandeses faziam visitas regulares à região. Estes últimos tinham assentamentos nos três principais portos da “Petite Côte”(Rufisque, Portudal e Joal) e, desde 1627, também pareciam ter ocupado a ilha de Gorée. Mas navios de várias nacionalidades atracavam nessa parte da costa, para que suas tripulações comercializassem ou obtivessem água, madeira e alimentos frescos (MORAES: 1998, p. 9).

Quando partiu para as investigações em Lisboa, em 1969, sua ideia era coligir documentos portugueses que, justamente, descreviam a “Petite Côte”, partindo sobretudo das descrições sobre a região e as práticas comerciais feitas, no século XVII, pelo capitão português Francisco Lemos, que viveu na costa por mais de vinte anos. Depois daquela primeira tentativa frustrada de acessar mais fontes, Nize retornou à capital portuguesa em 1972 e, novamente, saiu de “mãos quase vazias”. Para a finalização desse primeiro trabalho, “apenas” conseguiu “oito documentos (alguns manuscritos), relativos ao referido período”. Como apontou na carta de 1992, o Comandante Teixeira da Mota indispôs-se com ela, pois utilizara um documento da sua área de investigação, publicado anteriormente por Damião Peres, acerca do Capitão Lemos Coelho. Ela argumentava que o não acesso aos arquivos portugueses deixou sua tese empobrecida, somente com oito documentos portugueses (IFAN, Moraes, Dakar, 1992).

Para esses primeiros trabalhos acadêmicos, ela contou uma dupla de orientadores: o historiador francês Jean Boulègue, autor do livro *Les royaumes wolof dans l'espace sénégalais (XIIIe-XVIIIe siècle)*, e do belga Guy Thilmans. Sobre este último, precisamos nos deter mais um pouco. Suas cartas, diários e anotações de pesquisa revelam um contato constante com Thilmans, chamado por Nize de Mister Belga, um

companheiro de pesquisa, amigo e orientador em Dakar. Nas entrevistas realizadas com Nina e Rosimar, elas dizem que, após as mortes de Thilmans e Leopoldo Sedar Senghor, no mesmo ano de 2001, ela se sentiu desprotegida.

Desde julho de 1965, o pesquisador belga, que nascera em 1922 na cidade de Louvain, estava vivendo em Dakar. Três anos antes, ele havia defendido uma tese de doutorado em Antropologia sobre os pigmeus de Haut-Ituri (ex-Congo belga), na Universidade de Louvain. Como queria continuar as investigações em antropologia africana, e sabendo que certas populações da Senegâmbia enterravam seus griôs nos troncos ocos de grandes baobás, decidiu partir para o Senegal, com um programa de pesquisa já bem definido. E não deixou mais o país, passando toda sua carreira no IFAN. Inicialmente, como trabalhador temporário (1965-1966) e, daí até 1987, como “trabalhador belga de desenvolvimento”. Quando atingiu o limite de idade, a universidade fez um “contrato local”, continuamente renovado, já que não queriam se “separar de um pesquisador tão ativo”. No Senegal, Thilmans se destacou não apenas como antropólogo, mas também como arqueólogo especializado em proto-história, museógrafo e também historiador.

Como tinha domínio de diversos idiomas, incluindo o latim e o holandês antigo, ele tinha acesso a documentos desconhecidos e raros, que renovaram a história da Senegâmbia nos séculos XVI e XVII. E muitas vezes em parceria com Nize Izabel, “sua colaboradora habitual”. Embora figure como diretor da publicação e tradutor de alguns documentos, a obra *À la découverte de la Petite Côte au XVIIe siècle (Sénégal et Gambie)*, editada em quatro tomos, num total de mais de 1.000 páginas, era resultado das pesquisas realizadas por Nize para sua tese de 3º Ciclo, conforme veremos mais adiante. No artigo em sua homenagem publicado em 2002 na revista *Outre-mers*, Cyr Descamps, pesquisador francês associado ao IFAN, parece indicar que esses volumes foram apenas dirigidos por Thilmans. Ainda que sua participação também tenha sido fundamental, a produção do trabalho foi feita pela pesquisadora brasileira (DESCAMPS: 2002, p. 684).

Nos primeiros anos da década de 1970, Nize Izabel estava preparando sua tese de 3º Ciclo também na Sorbonne-Paris. Dessa vez, o projeto de pesquisa era ainda mais ambicioso: reunir documentos sobre a “Petite Côte” espalhados por diversos países. Além de retornar à Portugal, esteve na Holanda, na Bélgica, na Espanha e na França. Mas, em Lisboa, novamente teve problemas para acessar a documentação. Numa carta endereçada em 1974 a Teixeira Mota, destacava que:

A grande admiração que tenho pelo vosso trabalho leva-me a escrever-vos. Já tenho o prazer de vos enviar alguns dos meus artigos e estou a preparar uma tese documentada de 2 ciclos, sob a direção do **Prof. R Mauny**. O assunto é o seguinte: *Histoire de la Petite Cotê de 1600 a 1680*. Até agora, **consegui reuni 40 textos em português, holandês, francês, inglês, alemão, espanhol e italiano**. Traduzi os textos para francês e cada um deles está presente, na ordem cronológica da escrita. Cada um deles é precedida de uma introdução que será completada. Para o texto em português só consegui reuni os seguintes documentos:

-Descrição de P. Baltasar Barreira (1606)

-Relação dos abonos de um posto português (1626), após a tradução francesa do P. Labat

-As duas relações de Francisco de Lemos Coelho (1669-1648)

Utilizei outros documentos, especialmente para a tomada de Gorée por João Pereira Corte-Real e para a missão do P. João Pereira Corte-Real.

No entanto, gostaria de poder traduzir outros textos portugueses "Etiopie Menor" de P. Manuel Alvares (apenas passagens relacionadas com a *Petite Cotê*) ou peças relacionadas com Álvaro e Jorge Gonçalves Frances e outros... relacionados com este período.

Estaria disposto a aconselhar-me? Ficar-lhe-ia muito grata. Eu poderia ir para Portugal numa altura conveniente para ti e ficar lá durante alguns meses.guardo com expectativa a sua resposta e peço desculpa por qualquer inconveniente. Peço que receba Comandante, a expressão dos meus sentimentos. (IFAN-Moraes, Dakar, 1974) [o grifo é nosso].

Nesta comunicação, Nize pedia conselhos a Teixeira da Mota e indicava os materiais que desejava encontrar nos arquivos portugueses. Mas os apelos novamente parecem não ter sensibilizado o pesquisador. Em outra carta endereçada à Diretora do Centro de História e Cartografia Antiga do Instituto de Investigação Científica e Tropical, de 1992, ainda estava em busca de documentos nos arquivos portugueses para compor seu livro, fruto da tese, e reclamava do tratamento recebido nos arquivos em Portugal:

“A falta de 25 ou mais documentos, a sustentar a minha tese talvez evitasse as críticas e hostilidades de um júri manifestamente avesso a época portuguesa e holandesa, bem representada nas costas da Senegâmbia, ao longo do século XVII. Esta referencia faço relativamente a 1977, quando defendi tese do terceiro ciclo, na Sorbonne Paris I. Estive ainda na Holanda, na Bélgica, na Espanha e em França, conseguindo vários documentos para o referido período, os quais são indicados no índice documental, que lhe envio pelo nosso estimado professor Rui de Almeida. Por este motivo (projeto de investigação para mim sempre inacabado, pelas razões que apontei), gostaria muito de voltar a Portugal, beneficiando-me de uma bolsa de investigação, no seu instituto a fim de continuar o trabalho iniciado há mais de vinte e cinco anos. Sinto-me hoje triste e frustrada, por saber que o projeto de investigação que fui alicerçando ao longo dos anos, não comportar a dimensão histórica do real, do que constituiu a presença dos navegadores e comerciantes e de origem portuguesa nesta região da África.” (IFAN, Moraes, Dakar, 1992) [o grifo é nosso].

Contando mais uma vez com a parceira e o trabalho direto (na indicação e tradução de alguns documentos) de Guy Thilmans, a tese de Nize foi orientada pelo francês Raymond Mauny (1912-1994), professor de história africana na Sorbonne de 1962 a 1977. Junto com Hubert Deschamps e Georges Balandier, ele esteve na criação, em 1962, do Centre de Recherches Africaines (CRA) e sua Biblioteca. Entre 1942 e 1962, Mauny chefiou a seção de “Arqueologia e Pré-história” do IFAN, em Dakar.

Estreitamente ligada à fundação do IFAN e ao Departamento de História da Universidade de Dakar, a chamada Escola de Dakar formou várias gerações de historiadores no Senegal a partir dos anos 1950. Em sua primeira geração, os historiadores Cheikh Anta Diop e Abdoulaye Ly (que, em 1958, lançou a primeira tese sobre a história do Senegal) tiveram um papel fundamental e de liderança no que Boubacar Barry chama de “gigantesco processo de descolonização da história da África”. Da década de 1960 até pelo menos os anos 1980, aconteceu uma proliferação, “sem precedentes”, da produção dos historiadores da Escola, mantendo uma íntima colaboração com historiadores franceses, britânicos e americanos. (BARRY, 2000).

A capital senegalesa tornou-se o principal centro para reflexão e discussão da história africana e também lugar de interação de historiadores que retornavam das universidades francesas para lecionar história africana nas universidades de Abidjan, Conakry, Bamako e Ouagadougou. Barry lembra que, naqueles “anos eufóricos de reconstrução do passado pré-colonial”, a conclusão das pesquisas era esperada com impaciência, como uma espécie de ajuda vital para ingressar na obscuridade dos “séculos escuros”, como Raymond Mauny enfaticamente identificou. Ainda assim, conforme assinala Barry – citando o historiador norte-americano Martin Klein (que também se dedicava às investigações no Senegal) – a Escola de Dakar ainda encontraria dificuldades nessas primeiras décadas em se “libertar do jugo” da academia francesa, sobretudo em função da continuidade da instituição da “thèse d’Etat” de Doutorado (BARRY: 2000)

Do ponto de vista metodológico, a descolonização da história vai transformar progressivamente a forma de abordagem dos historiadores africanos. Tanto para a Senegâmbia como para outros tantos lugares na África, desenvolve-se uma metodologia de coleta, transcrição e interpretação das tradições orais. Sem abandonar as fontes escritas africanas ou europeias, muitos pesquisadores vão usar amplamente os registros orais em conjunto, e aproximação, com a documentação escrita. Ao traçar uma espécie de padrão desses novos estudos, Barry aponta que se tratava de

“**uma história escrita por filhos da terra**, que estudaram de preferência o reino a que pertenciam por etnia. Ela entra no contexto da descolonização da história africana e é sobretudo uma história política, que privilegiou as tradições dinásticas, mesmo se, sob certos aspectos, se interessa pelas transformações econômicas e sociais – pela realidade do tráfico negreiro e da colonização (BARRY, 2000, p. 23). (o grifo é nosso)

Como Nize Izabel de Moraes se inseria nesse grupo? Como uma mulher, negra, brasileira, solteira, filha de uma terra do outro lado Atlântico. Muitos dos historiadores

senegaleses, franceses e norte-americanos que se dedicaram aos estudos sobre a Senegâmbia eram próximos à brasileira. Mas o fato de ser uma “estrangeira” em terras africanas – tanto em termos de origens, como de gênero – talvez explique algumas de suas escolhas. Mesmo que muitos de seus contemporâneos historiadores estivessem privilegiando as fontes e tradições orais, ela optou por construir sua obra a partir de registros escritos, dispersos pelos antigos países colonizadores europeus. Sem ser uma “filha da terra” ou tampouco dominar as diferentes línguas faladas no espaço senegambiano, como optar por uma outra metodologia?

Isso, decerto, não impediu que, ao longo dos anos, sua obra fosse ganhando destaque na historiografia sobre a Senegâmbia. Ao realizarem, em 1988, um inventário dos trabalhos sobre a região produzidos no Senegal e em outras regiões, especialmente na França e no mundo anglo-saxão, os pesquisadores Charles Becker e Mamadou Diouf chegaram a um total de 706, entre dissertações, trabalhos de pós-graduação, teses de Doutorado, entre outros. Avaliando esse conjunto, apontaram alguns padrões e estimativas. Dividindo-os de acordo com o “tipo e o país principal de estudo (reino, país ou etnia)”, localizaram apenas 3 obras sobre a “Petite Côte”, espaço privilegiado por Nize Moares. E as três eram justamente de sua autoria. Separando os autores conforme sua origem, encontraram 469 (60, 8%) africanos e 277 (39,2%) não africanos.

Também constataram uma preponderância de abordagens sobre os séculos XIX e XIX, o que atestava um uso ainda preferencial pelas fontes escritas europeias. A baixa escolha por períodos mais antigos, tal como fizera Nize, refletia as opções metodológicas e o interesse ainda limitado dos historiadores pelos séculos que antecederam a conquista colonial. Embora pouco citado nos índices e memórias acadêmicas dos dois lados do Atlântico, o trabalho de Nize Izabel de Moraes continuou, por muitas décadas, como referência fundamental para quem busca investigar as histórias da Senegâmbia (BECKER & DIOUF: 1988).

Visões atlânticas da “negrada”

Num pequeno bilhete enviado para uma conhecida do Brasil, de quem só conhecemos o primeiro nome, Diva, Nize solicitava informações relativas ao racismo vivenciado pelos afro-americanos. Lá pelo meio do texto, ela lança algumas questões: “Como passou a sua viagem a USA? Almejou o que queria? E a Negrada está melhorando

cada vez mais ou...??? Quais as novidades? Diva e esses crimes atrozes (matar para roubar?). Soube que o racismo cresce dia a dia em São Paulo, Rio de Janeiro, no Sul...”. (NIM, sem data) Não consideramos que a expressão “negrada” tenha uma conotação negativa, sendo acionada por Nize para se referir aos negros que viviam na América.

Será que Nize se considerava uma intelectual negra? Em seus diversos escritos, ela se mostrava reticente diante de suas ideias e de sua inteligência e reclamava das desconfianças alheias, mostrando-se muito preocupada com a aprovação e reconhecimento do primeiro orientador e mais intenso parceiro de pesquisa, o belga Guy Thilmans. Sua postura como pesquisadora não era “egóica”. Podemos inferir que para ela era muito difícil ser reconhecida como intelectual negra. Nos dois países em que viveu, Brasil e Senegal, não havia muitos investimentos na “educação feminina”. Thilmans, ao falecer, recebeu inúmeras homenagens da comunidade acadêmica senegalesa, por exemplo. O que não aconteceu com Nize Isabel. Consideramos então que ela vivia em sociedades difíceis para as intelectuais legitimarem seus trabalhos. Mas podemos reconhecer seu trabalho de historiadora também como uma forma de ativismo, no sentido proposto por bell hooks⁷. Sua própria trajetória representou o êxito de uma pesquisadora “senega-brasileira”, como ela se autodenominou na carta enviada à madrinha Glória, ao transformar-se em narradora e também autora da história da Senegâmbia, subvertendo o lugar da população negra como mero objeto de pesquisa na academia brasileira.

Em o *Dilema do Intelectual Negro*, Cornel West, citado por hooks, aborda os conflitos que os intelectuais negros enfrentam frente ao modelo burguês de atividade intelectual, que coloca a população negra na defensiva, como podemos confirmar para o caso de Nize. Conforme hooks,

“Há sempre a necessidade de demonstrar e defender a humanidade dos negros incluindo sua habilidade e capacidade de raciocinar logicamente e escrever ludicamente. O peso desse fardo inescapável para alunos negros no meio acadêmico branco, muitas vezes, tem determinado o conteúdo e caráter da atividade intelectual negra. E mesmo que escrevamos pelas linhas do estilo acadêmico aceito não há nenhuma garantia de que vão respeitar nosso trabalho” (hooks: 1996, p. 472).

Ainda no diálogo com hooks, lançamos a seguinte questão: “Como podem as negras enfrentar a escolha do isolamento necessário sem entrar no modelo burguês?”

⁷ Ao pensar nas expressões mais visíveis de ativismo concreto, “como fazer piquetes nas ruas ou viajar para um país do Terceiro Mundo e outros atos de contestação e resistência”, concordamos com hooks que a luta revolucionária está no mesmo patamar que o trabalho intelectual. (hooks: 1996, p. 469)

(hooks: 1996, p. 473) Qual foi o modelo de formação seguido por Nize? As reclamações financeiras são constantes nas cartas, bem como a elaboração de estratégias políticas para conseguir uma bolsa, um apoio, um posto dentro da UCAD e/ou um auxílio internacional.

Em seu acervo, encontramos documentos que explicitam essas estratégias. Vejamos um exemplo. Numa carta não datada, NIM teceu inúmeros elogios a Mostapha Niasse, chefe da casa civil de Senghor, pela sua atuação como Ministro das Relações Exteriores e como defensor das ideologias socialistas, defendidas também pelo chefe do estado senegalês naquele momento histórico. Esse registro passaria despercebido se não notássemos que Nize apontou este ministro como aquele que colaborou para que ela construísse um vínculo de apoio com o presidente Leopoldo Sedar Senghor, primeiro presidente do Senegal independente (de setembro de 1960 a dezembro de 1980). A princípio, consideramos desnecessário dizer que Nize tinha a intenção de conquistar uma audiência com o ministro para reforçar sua rede de apoio como pesquisadora. Ao mesmo tempo, suas reflexões traduzem um alinhamento político ao governo de Senghor. Por outro lado, ela mesma disse, ao redigir seu *curriculum vitae*, que se importava com as questões educacionais do “Terceiro Mundo” e, verdadeiramente, com o campo da política do Senegal independente. Seu trabalho lhe permitia entender a realidade e o mundo a sua volta.

Também é possível observar em diferentes fontes que, como intelectual, Nize não vivia isolada das comunidades senegalesa e do Brasil. O posto de auxiliar administrativa na embaixada lhe alçou a esta rede de políticos e da diplomacia, esta mesma diplomacia que ela sentia confortável em avaliar naquele momento político senegalês. Sua leitura política do Senegal, dos países fronteiriços (alguns ela conheceu de perto), era compartilhada em cartas, reuniões e no programa de rádio. Uma correspondência com a colega Fadima, que se encontrava no Mali, em 1972, demonstra este conhecimento de acontecimentos políticos do território vizinho no período da independência:

Cara Fadima,

Como vai você, Robert, e as crianças, os parentes, Daniel e etc?. Aqui em Dakar tudo bem... nada de novo. Tudo está do mesmo jeito, como antes nada mudou. Eu espero sempre por mudanças. **Os medicamentos acabaram hoje, mas eu ainda tenho que ir ao hospital. Eu fui a casa de Mami d'anglaise, ela disse que Jean Paul e Corine devem sair do Mali, porque o casal está em perigo. Eles vão sair do Mali dentro de pouco tempo e é um “manda-chuva” que lhe dará a oportunidade de sair do Mali.** Eu ficaria contente por eles se isso acontecesse verdadeiramente. Fadima, você recebeu o mandato de Touré que eu enviei? Responda rápido. Eu não esqueci dos teus comandos. Minha situação aqui não é boa, olha a carta de Touré... que negócio! Mas eu tenho muita esperança Fadima, muita mesmo! Quando eu puder eu retornarei ao Mali, talvez na Páscoa. Eu abraço a todos e obrigada por tudo. Tua amiga para sempre. Obs: As pessoas mal educadas e intrigantes continuam a se opor aos meus projetos. **Mas Allah é grande!** (Isabelle, Dakar, 28/02/1974) (o grifo é nosso)

Não sabemos quem são as pessoas que estavam em perigo no Mali. Quais os perigos políticos vivenciados por seus amigos do Mali em 1972? A frase Allah é grande mostra uma Nize crente em Allah, uma simpatizante da cultura islâmica senegalesa. Afinal, quais eram as experiências religiosas de NIM no Senegal? Na longa carta escrita à madrinha Glória, e já citada anteriormente, ela usa expressões da umbanda para se referir a sua situação no Senegal, “Filho de santo tomba, mas não cai”, e fecha a carta saudando Oxalá. Suas amigas brasileiras, Rosimar e Nina, afirmaram que Nize teve uma experiência religiosa diversificada em Dakar, consultando-se, inclusive, com marabus e outros chefes religiosos.

Como vimos, uma parte de sua documentação permite explorar sua trajetória acadêmica e também construir reflexões referentes aos contratemplos no processo de titulação acadêmica, quando ela intensificou os contatos com pesquisadores e arquivos estrangeiros. As viagens aos arquivos estão registradas em diários e cartas que também explicitam as dinâmicas de pesquisa, pessoas envolvidas, relações afetivas e de amizade. Vejamos um desses registros:

Passei um bom fim de semana, embora um pouco gripada e com a garganta irritada, **a senhora para onde eu mudei foi muito amável comigo durante dois dias que estive mal.** Tenho a impressão que tive mesmo febre. Não consegui dormir a noite toda de tão ruim que fiquei. Hoje já estou melhor, embora ainda a garganta não esteja em forma. **Ontem fomos ao Quelluz depois de ter ido a Sintra e ao Estoril.** Foi interessante como passeio, pois vi o palácio de verão dos reis D. João do Brasil. **Tudo muito bonito e bem português mais do que Sintra. E o tempo passa aqui em Lisboa. Foi este ultimo passeio com um grupo de heterogêneo: 1 japonês e sua mulher (Canada), um rapaz da Rodesia, um rapaz de Washington DC e 2 brasileiras. Estava engraçado pois andávamos em pares: uma branca e um negro e vice-versa, chamamos muita atenção. Como sempre fico do lado das conversações. A outra brasileira falava muito com o americano, o canadense com o da Rodesia e para mim restou o japonês (eu tinha dor de garganta). Na volta comemos na cantina da Cité e depois fomos para casa. Eu acabei vindo com outras pessoas, pois o americano e o rodesiano estavam interessados em levar a brasileira para a casa.** Bom esta semana passou rapidamente. Fiz novos conhecidos, tenho novos amigos cabo verdianos, angolanos e guineanos. São todos chamados “Malta”.

Hoje 3/08/ 1969 ainda em Lisboa, já moro há 8 dias na Avenida Brasil 102, parece que começo a fazer parte da família pois a mulher está muito interessada na minha saúde. Está mesmo disposta a me dar comida a 10 escudos por refeição... Bem já fui convidada para duas festas estes dias. Da primeira não gostei muito... muita gente, nem todos eram simpáticos. **Me senti muito só embora no meio de umas 50 pessoas.** No final ficou bom porque houve violão e não paramos de dançar por um bom momento. **No final o americano veio me trazer em casa e tivemos uma longa conversa referente a minha pessoa. Ele pensa sempre a mesma coisa, ele me enxerga só para um determinado fim. Outras pessoas tentaram nos unir, mas não é possível, pois meu coração não está aqui e nem na África, está no Brasil (felizmente ou infelizmente). Estive pensando... quanto mais eu evita-lo melhor para mim porque ele, como todos os outros, também é um mal intencionado.** Enfim esta é a vida. Quanto as festinhas também vou cortar porque fico muito cansada e no dia seguinte tenho muito sono e me sinto pouco disposta. **É incrível... o assunto é sempre Brasil, racismo, política etc ou senão carnaval, que horror, como é cansativo.** MX Belga ainda não respondeu minha carta, estou desesperada pois

tenho medo de ficar sem dinheiro... Esperamos que este assunto seja resolvido ainda esta semana. (NIM, 3/08/ 1969) [o grifo é nosso].

Estas anotações dos momentos de sociabilidade em Portugal revelam a indisponibilidade de Nize, como mulher negra, para simbolizar com os homens, simplesmente, na dimensão sexual. Torna-se óbvio dizer que, neste ponto, ela sentia-se cansada com as visões estrangeiras sexualizadas sobre o corpo da mulher negra brasileira, percebendo os olhares “mal intencionados” para as brasileiras que faziam parte do seu grupo de estrangeiros. Entre os documentos conservados na casa de Rosimar, há fotografias de Nize dançando nas festas em Dakar, para não pensarmos em uma mulher pouco festiva. Além disso, ela construiu uma programação radiofônica toda voltada para o samba e a cultura brasileira. Assim, podemos destacar que ela estava, em verdade, entediada com a visão limitante dos estrangeiros sobre o Brasil.

bell hooks apontou que o racismo e o sexismo atuam juntos e colaboram na perpetuação de uma iconografia da representação do corpo da mulher negra ao imprimir na consciência coletiva a idéia de que a mulher negra está neste planeta para servir, inclusive para servir sexualmente. NIM se mostrava cansada das representações sexuais negativas que traduziam a maneira como as negras eram tratadas. Eram e, ainda são, consideradas como corpos sem mentes. Conforme assinala, hooks, na escravidão, os corpos das mulheres foram usados como incubadoras para a produção de escravizados, uma prática vigente de controle das mulheres “desregradas”. A partir da exploração masculina branca e do estupro das negras, durante o cativeiro, a cultura branca produziu uma iconografia de corpos de negras como dotadas de sexo e a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado”. Do outro lado das representações das negras como selvagens sexuais, há o estereótipo da mãe preta. Essa imagem registra a presença feminina negra significada pelo corpo, significando a construção da mulher como mãe pelo peito que amamenta e sustenta a vida dos outros. (hooks, 1996, p.469)

A título de hipótese, conjecturamos que Nize era lida como latina negra do outro lado do Atlântico. Quais as implicações dessa leitura social como mulher, negra e latina para sua carreira acadêmica e relações sociais, sobretudo, nos lugares em que morou, como França e Senegal, e ainda, nos lugares de visita/pesquisa?

Nize Izabel deixou escapar, em uma página de um de seus diários, sua preocupação com o tempo e a energia do seu corpo que deveriam ser canalizados para o trabalho de pesquisa, sobretudo, naquela viagem a Portugal. “Quanto às festinhas, também vou cortar porque fico muito cansada e, no dia seguinte, tenho muito sono e me

sinto pouco disposta”. Ela precisava se concentrar no trabalho e aqui vemos Nize muito determinada em garantir seus produtos de pesquisa, mesmo que isso implicasse uma perda em termos de laços de sociabilidade e afetividade. hooks sustenta que “as negras foram socializadas para desvalorizar ou se sentir culpadas em relação ao tempo passado longe dos estudos e às vezes não conseguem reivindicar ou criar espaço para a escrita solitária. Isso se aplica geralmente as negras que são mães” (hooks: 1996, p. 471). Portanto, o tempo e as condições de pesquisa e do corpo eram, para Nize, cruciais para o ato da escrita.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Sérgio Tenório de. **Novas oportunidades de acesso ao ensino superior?** Trajetórias escolares de alunos negros que se formaram na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (1935 a 1964) 2008. Dissertação (Mestrado em Educação) – PUC/SP, São Paulo, 2008.

BARRY, Boubacar. **Senegâmbia: o desafio da História Regional**. Brasil; Amsterdam: South South Exchange Programme for Research on the History of Development (SEPHIS); Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA) da Universidade Cândido Mendes (UCAM), 2000.

BECKER, Charles & DIOUF, Mamadou. “Histoire de la Sénégambie: une bibliographie des travaux universitaires”. In: **Journal des africanistes**, 1988, tome 58, fascicule 2. pp. 163-209.

BISPO, Alexandre Araujo. **Os percursos da memória e da integração social: o arquivo pessoal de Nery e Alice Resende**. Tese de Doutorado em Antropologia Social-USP, 2019.

BOP, Codou & SOW, Fatou (eds.). **Notre corps, notre santé: la santé et la sexualité des femmes en Afrique subsaharienne**. Paris, L’Harmattan, 2004

CARNEIRO, Sueli. **A construção do doutro não-ser como fundamento ser**. Tese do Programa de Pós Graduação em Educação, USP, 2005.

CUNHA, Olívia Maria Gomes da. Tempo imperfeito: uma etnografia do arquivo. **Mana**. v. 10, n. 2, Out., p. 287-322, 2004.

CUSTÓDIO, Túlio Augusto Samuel. **Construindo o (auto) exílio: trajetória de Abdias do Nascimento nos Estados Unidos, 1968-1981**. 2010. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – FFLCH, USP, São Paulo, 2010.

DESCAMPS, CY. “Hommage à Guy Raoul Thilmans”. In: **Outre-mers**, tome 89, n°334-335, 1er semestre 2002. L’électrification outre-mer de la fin du XIXe siècle aux premières

décolonisations. pp. 683-687.

FLAX, Jane. Pós modernismo e relações de gênero na teoria feminista. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org). Pós modernismo e política. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Ática, 2008.

FERNANDEZ, Raffaella Andréa. **Processo criativo nos manuscritos do espólio literário de Carolina Maria de Jesus**. Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária, Unicamp, 2015.

GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto**: o processo de construção da identidade racial de professoras negras. Belo Horizonte: Mazza, 1995.

GOMES, Janaina Damaceno. **Os segredos de Virgínia. Estudos de atitudes raciais em São Paulo**. Tese de doutorado da Antropologia Social, USP, 2013.

GOMES, Patrícia Godinho e Furtado, Claudio. **Encontro de lá e de cá do Atlântico: mulheres africanas e afro-brasileiras em perspectiva de gênero**. Salvador:EDUFBA, 2017.

GONZALES, Lélia. “Racismo e Sexismo na cultura brasileira”. In: **Ciências Sociais Hoje** . Rio de Janeiro: Dados, v. 2, 1983.

_____. Por um feminismo Afro-latino-Americano. **Caderno de Formação Política do Circuito Palmarino**, Batalha de Ideias, Brasil, n 1, 2011.

HOOKS. Bell. Intelectuais Negras. Santa Catarina: **Revistas de Estudos Feministas**, v 3, 2, 1995.

LEAL, Virginia Bicudo. **Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo**. Edição organizada por Marcos Chor Maio. São Paulo: Editora da ALSP, 2010.

LIMA, Ari. A legitimação do intelectual negro no meio acadêmico brasileiro: negação de inferioridade, confronto ou assimilação intelectual? **Afro-Ásia**, 25-26 (2001), 281-312.

MORAES, Nize Isabel de. **À la découverte de la Petite Côte au XVIIIe siècle (Sénégal et Gambie)**. Dakar: Université Dakar, IFAN, Cheikh Anta Diop de Dakar, 1998. (4 tomes)

MOTA, Thiago Henrique Mota. **História atlântica da islamização na África Ocidental Senegâmbia, séculos XVI e XVII**. Tese de Doutorado em História, UFMG, 2018.

RATTS, Alex e Flavia Rios. **Lelia Gonzales**. Selo Negro Edições, 2010.

RATTS, Alex. **Eu sou Atlântica, sobre a trajetória de vida de Betriz Nascimento**. São Paulo: Imprensa oficial, 2007.

RIOS, Flavia. **A trajetória de Thereza Santos: comunismo, raça e gênero durante o regime militar**. Plural, Revista do PPG de Sociologia da USP, São Paulo, volume 21, n 1, 2014.

ROIZ, Diogo da Silva. **Os caminhos (da escrita) da história e os descaminhos de seu ensino**: a institucionalização do ensino universitário de História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1934-1968). Curitiba: Appris, 2012.

ROSSI, Luiz. **O intelectual feiticeiro: Edson carneiro e o estudo das relações raciais no Brasil**. Tese de Doutorado em Antropologia: Unicamp, 2011.

SILVA, Viviane Angélica. **Cores de uma tradição: uma história do debate racial na Universidade de São Paulo e a configuração do seu corpo docente**. Tese de Doutorado em Educação, 2015.

SIMIONE, Ana Paula Cavalcante e ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. **Dossiê Mulheres, arquivos e memórias**. Instituto de Estudos Brasileiros-IEB/USP, n17, 2018.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. RJ: Graal, 1983.

SOW, Fatou. "Les femmes, l'État et le sacré". In: *L'islam politique au Sud du Sahara. Identités, discours et enjeux*, M. Gomez-Perez (ed.). Paris: Karthala, . 2005

_____. "Penser les femmes et l'islam en Afrique : une approche féministe", contribution to *Mama Africa*". *Mélanges offerts à Catherine Coquery-Vidrovitch*. Paris: L'Harmattan, 2005,

_____. "Mobilisation des femmes en Afrique de l'Ouest", in **Gender Equality. Striving for Justice in an Unequal World**, UNRISD, Geneva, 2005.

_____. "Sexe, genre et société: Engendrer les sciences sociales africaines", A. Imam, A. Mama, F. Sow (eds.) **Fatou Sow's French translation of Engendering African social sciences**. Dakar: CODESRIA/Karthala, 2002

_____. "La marchandisation de la gouvernance". **Fatou Sow's French translation of Marketisation of Governance**. Vivienne Taylor (ed.). Paris: DAWN-L'Harmattan, 2002

TRAPP, Rafael Petry. **O elefante negro: Eduardo de Oliveira e Oliveira, raça e pensamento social no Brasil (São Paulo, década de 1970)**. Programa de Pós-Graduação em História da UFF, 2018.

TRIGO, Maria Helena. "Mulher universitária: códigos de sociabilidade e relações de gênero". In: BRUSCHINI, Maria Cristina; SORJ, Bila (Orgs.). **Novos Olhares: mulheres e relações de gênero no Brasil**. São Paulo, Marco Zero/Fundação Carlos Chagas, 1991. p. 89-110.

TURNER, Caroline Sotello Viernes. "Women of color in academe: living with multiple

marginality". **The Journal of Higher Education**, v. 73, n.1, p. 74-93, jan/feb. 2002.

VIANNA, Elizabeth E. S. **Relações raciais, gênero e movimentos sociais: o pensamento de Lélia Gonzales**. Dissertação do Programa de pós-graduação em História, UFRJ, 2006.

VINHAS, Wagner. **Palavras sobre uma historiadora transatlântica: estudo da trajetória intelectual de Beatriz Nascimento**. Tese de doutorado em Estudos Étnicos e Africanos. Universidade Federal da Bahia, 2015.